

Narrativas em canções: o que os jovens falam de seu universo social?

Narratives in songs: what do young people say about their social universe?

381

Lucieleny Ribeiro Jardim
Ailton Pereira Morila

Resumo: Este texto é uma parte da dissertação do Mestrado, cuja pesquisa traz as narrativas em canções de jovens baianos, participantes do Festival Anual da Canção da Bahia. A juventude é parte de um mundo em transformação, onde vivenciam as questões e inseguranças de seu tempo, da classe e grupos sociais que estão integrados. Para realizar a pesquisa, foram analisadas composições que concorreram nas edições do Festival de 2008 até 2017 num total de 104 canções. Tomando essas observações como base, o artigo traz algumas questões desse universo social e os itinerários elaborados para a fruição do espaço público, compreendido como lugar de interação e de cidadania, em especial os temas mídia e poder e diversidade e hierarquia.

Palavras-chave: Festival da canção; Juventudes; música; mídia e poder; diversidade e hierarquia

Abstract: This text is part of the Master's thesis, whose research brings the narratives in songs of young people from Bahia, participants of the Annual Festival of the Song of Bahia. Youth are part of a world in transformation, where they experience the issues and insecurities of their time, class and social groups that they are integrated. To carry out the research, compositions that competed in the editions of the Festival from 2008 to 2017 were analyzed in a total of 104 songs. Taking these observations as a basis, the article raises some issues of this social universe and the itineraries designed for the enjoyment of the public space, understood as a place of interaction and citizenship, in particular the themes media and power and diversity and hierarchy.

Keywords: Song Festival; Youths; music; media and power; diversity and hierarchy

Introdução

Não dá mais pra esperar alguém tomar uma atitude. É uma tarefa nossa, da juventude. (Ana Francine)

Este texto é uma parte da dissertação do Mestrado, cuja pesquisa traz narrativas em canções de jovens habitantes da região Estremo Sul da Bahia.

O trabalho encontra fundamentos nas reflexões de Abramo (1994, 1997), Adorno (1995, 1997 e 2002), Morila (2006) entre outros.

Escrever sobre juventudes é também perceber a pluralidade de tendências, comportamentos e significados elaborados na transição desse



estado para a maturidade. Os jovens são parte de um mundo em transformação, onde vivenciam as questões e inseguranças de seu tempo, da classe e grupos sociais que estão integrados.

Em seu cotidiano, buscam elaborar subjetividades, maneiras de socialização e participação do lugar que habitam. A posição ocupada, as relações com a própria história, com o outro e o ambiente, são pontos que os estimulam a definir e/ou negociar sua atuação política nesse espaço.

O Festival Anual da Canção Estudantil (FACE) teve início em 2008, ano em que foi instituído nas escolas estaduais baianas. Este é um projeto destinado aos alunos da rede, de responsabilidade da Secretaria de Educação Básica (SAEB), como parte dos Projetos Estruturantes da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC).

Nele participaram estudantes matriculados e cursando as modalidades de ensino ofertadas pela rede estadual. Os candidatos poderão concorrer apenas com uma canção, podendo ser inscrita em coautoria configurando como compositores/intérpretes. As canções devem ser inéditas e em língua nacional.

Para realizar a pesquisa, foram tomadas composições que concorreram nas edições do Festival Anual da Canção Estudantil da Bahia, desde o ano de instituição, 2008 (ano de início) até 2017 (já que a dissertação foi defendida em 2018), num total de 104 canções.

A partir da análise documental das canções foi possível dividi-las em unidades temáticas. Uma das unidades temáticas está expresso no quinto capítulo da dissertação, “O que os jovens falam de seu universo social?”, que analisou os sentidos construídos nas relações dos jovens com a sociedade, lugar de fala e de pertencimento e a pluralidade de tendências, comportamentos e significados elaborados na transição para a maturidade.

Este é um tema abrangente nas canções do Festival. Selecionamos dois subtemas: “mídia e poder” e “diversidade e hierarquias”, especialmente por perceber que as mensagens retratadas nas canções, aparecem refletidas diariamente nas disputas do cotidiano da juventude brasileira.



Mídia e o poder

Falar de espaço sem cidadania é também interpelar as estratégias das relações entre mídia e o poder sobre a experiência da juventude. A narrativa “Visão” de Denise, Brendow e Arthur (autores da canção) avaliam essa questão:

383

Uma máfia escondida por trás
De ternos e sedas finíssimas
De frente pra televisão
Muitos se aborrecem mas não
Procuram um meio pra modificar
Resgate os valores
Seja o espelho da nação
Olhe para o lado
Estenda a sua mão

Os compositores parecem dizer que há uma ordem vestida de boa aparência, “ternos e sedas finíssimas”, apresentada pela TV e que aborrece o público. Por falarem em máfia e televisão, não tem como desvincular essa narrativa ao papel despótico da maioria dos meios de comunicação. Por isso, o que os jovens dizem, pode nos lembrar do quanto à difusão de notícias, especialmente sobre delitos e/ou corrupção de setores públicos, propositalmente desmoralizam a justiça e a democracia. Isso porque, o que a mídia já sabe é que a desconfiança com as instituições, mesmo irritando, não leva a reação da maioria das pessoas. O sentimento de impotência, logo resulta em resignação e necessidade de seguir a vida e trabalhar. “Muitos se aborrecem, mas não procuram um meio pra modificar”.

Mesmo reproduzindo discursos da ordem, “resgate os valores, seja o espelho da nação”, eles exprimem pedido de socorro frente ao problema, “estenda a sua mão”. O que os cantores talvez não saibam, é que a evocação também traduz inconveniência; a nostálgica e perigosa memória de um Brasil tirano, mas de aparente e alienante ordem inventada pela mídia e pelo “milagre”.

Adorno (1995), diz que não há neutralidade nos instrumentos da mídia, existem sim projetos ideológicos que não se configuram somente ideologia, constitui a própria ideologia e a usa para adaptar seus consumidores a onipresença do capital.



Em “Resistência”, Elias expressa ideia similar:

Desde cedo eu vim pra resistir
Desde sempre o senado quer nos iludir,
impedir de crescer
Aí vem a TV mostrando menos
do que deveríamos mesmo saber
Mal sabendo
Que sendo mal informado
Sobre quanto é grande
A fila pra deputado
Lutando, suando pra sustentar whisky,
jatos, contas bancárias
A multiplicar

384

Elias manifesta inquietação sobre como o sistema político é relativizado na mídia, que não transmitindo tudo como deveria, o impede de obter a informação como deveria. “Aí vem a TV, mostrando menos do que deveríamos mesmo saber”. A canção não deixa bem claro, mas é possível inferir que o discurso esteja relacionado a grande quantidade de candidatos a “deputados” em campanha política na TV. Assim, para além de perceber a manipulação da mídia, ele parece dizer que a concorrência entre os candidatos aos cargos políticos, está ligado a ostentação do próprio status e acumulação de capital. “A fila pra deputado, lutando, suando pra sustentar *whisky*, jatos, contas bancárias, a multiplicar”.

Além de expor tramas de corrupção em período eleitoral, o jovem traz outras reflexões necessárias. Apontar a manipulação da TV sobre aquilo que deveria saber, é o mesmo que dizer que ela transmite ao consumidor o evento modificado ou a realidade projetada. Percebe-se nessa narrativa, a força produtiva da técnica sem ética, com única função de impedir o confronto da informação com o conhecimento e sensibilidade humana. A crítica imanente está impossibilitada (ADORNO, 1995), sob o efeito poderoso do encantamento da consciência.

A canção “Minha pátria, minha poesia” de Sandro, expressa outros efeitos sobre o assunto:

Nas manchetes dos jornais,
na Internet e na televisão
Tudo em HD, melhor pra se ver,
o Brasil em alta definição.



Veja nos olhos do povo desse País
Que a realidade aqui sem maquiagem
Sem montagem é diferente do que se diz
Há violência, há miséria, há fome, há corrupção

Ela aponta a qualidade dos recursos tecnológicos da mídia que transmitem notícias/informações das questões que estão em evidência no Brasil. Uma vez que tudo é em *High Definition*¹ e pela alta resolução possível, a imagem do que ocorre no Brasil seriam muito nítidas. “Tudo em HD, melhor pra se ver, o Brasil em alta definição”. Mas para o compositor, isso é disfarce, pois percebe que a realidade nos olhos do povo desfaz qualquer engano. “Que a realidade aqui sem maquiagem, sem montagem é diferente do que se diz”. Quando aponta sobre ver a gravidade do problemas sociais, “violência”, “fome” e “corrupção”, a partir do cotidiano das pessoas e não tão claro na mídia, Sandro também sugere análises importantes.

A contradição das imagens dos problemas sociais, vistos apenas na realidade e não veiculados nos meios de comunicação, aponta a quota da mídia no agravamento das desigualdades. As tecnologias de alto nível, produto dos avanços científicos, deixam de estar a serviço do conhecimento do bem comum, para servir a competitividade de alguns conglomerados da informação. Preocupados somente pela produção e consumo, manipulam as informações enquanto objeto obrigatório e importante, ao invés de esclarecer, enganam. Se em algum momento evidenciam as mazelas que incomodam o compositor, ela são vendidas de forma sensacionalista, banaliza o sofrimento para garantir lucros.

Misael , na canção “Pátria amada” pensa em rejeitar essa lógica:

Tem gente que se acostuma ao sofrimento
Que a gente passa “PLIM PLIM” não mostra
E ainda querem que eu cante Bossa Nova
Não, não, e isso pra eu não da
Os seus malotes de 100 não vão me comprar
Muito menos mudar minha ideologia

1 Expressão em inglês que indica televisão de alta definição (HDTV), cujo sistema de transmissão televisiva apresenta resolução de tela significativamente superior à dos modelos tradicionais.

O jovem parece ironizar a TV Globo, quando cita expressão que a anuncia, “PLIM PLIM”. Ele narra que a mídia se cala sobre o real sofrimento dele e de quem o cerca. Misael diz que apesar da ordem impor um estilo único de se cantar (bossa nova), ele resiste ao poder econômico e permanece com suas convicções. “Os seus malotes de 100 não vão me comprar/Muito menos mudar minha ideologia”.

O compositor lembra o potencial do mundo construído pela mídia que reifica as subjetividades. Massificando atitudes e ideias, ela traz um mundo oposto a realidade, e dita aos usuários como as coisas devem ser. Infelizmente, “desencantar” dos *fetiches* e apelos dos meios de comunicação, ou da “relação carnal entre o mundo da produção da notícia e o mundo da produção das coisas e das normas” (SANTOS, 2000), não é tarefa fácil para a maioria.

Narrando “Minha mente é um universo”, Fernando prossegue na crítica a racionalidade capital dos meios televisivos:

Antigamente existia escravidão
Anos se passaram e ainda somos escravos da televisão
Mas como assim, Faustão?
Fiz essa rima em 30 segundos e não ganhei nenhum milhão
Do secretário recebi reclamação
Porque fiz um vídeo mostrando minha verdadeira opinião

Aqui, a canção critica o papel escravizador da televisão, que perpetua em outros moldes a sujeição do povo. “Ainda somos escravos da televisão”. Numa alusão aos programas de televisão que premiam os telespectadores por alguma atuação, o autor expressa sua contrariedade. “Como assim Faustão?”. Parece que ao divulgar sua opinião em um vídeo que produziu, ao invés de ganhar reconhecimento, foi advertido pelo secretário. O jovem diz que foi censurado, “do secretário recebi reclamação”, possivelmente por ter apresentado eventos/fatos, denunciando situações omitidas pela mídia oficial, já que as imagens foram divulgadas por ele. “Porque fiz um vídeo mostrando minha verdadeira opinião”.



Nesta narrativa, o compositor mostra a possibilidade dos próprios cidadãos divulgarem os fatos usando tecnologias e redes particulares, e realizar aquilo que a televisão só faz quando há interesse em jogo².

Sobre outros meios midiáticos, mais uma canção de Fernando, “País feliz onde o povo pouco lê”, pondera sobre as funções das redes sociais:

Tem uns que lê por emoção [sic]
 outros vai por moda
 Eu leio pra esquecer as treta
 que mim incomodam [sic]
 País feliz onde o povo pouco lê
 E busca mais mostrar
 nas redes sociais como quer viver
 Não consegue compreender
 que as redes sociais também são pra aprender
 Tudo é Facebook e os livros na cara, cadê?
 Tu não vê, tu não que lê

Esta canção manifesta o apreço de Fernando pela leitura, que ele aponta como o meio de se refugiar das questões que o aflingem. “Eu leio pra esquecer as treta”. O jovem diz que as pessoas se interessam demais em expor seu cotidiano nas redes sociais e não percebem que esse espaço também pode ser usado para adquirir conhecimento “Tudo é Facebook e os livros na cara, cadê? Tu não vê, tu não que lê”. E prossegue:

Falo da literatura brasileira
 Mas você só fica de bobeira
 assistindo a globeleza
 Como é que vou te ensinar
 se você não quer chegar
 a nenhum lugar

Alfinetando aqueles que se ocupam “assistindo globeleza”, comportamento que parece impacientar o compositor, ele diz que não tem como ensinar alguém que não apresenta outras disposições. “Como é que vou te ensinar, se você não quer chegar a nenhum lugar”. A narrativa reprovava os que se mostram alheios a opressão midiática, e não percebem que através da

² O autor não diz na letra, mas em conversa com ele sobre isso, soube que o secretário referido é o secretário de saúde do município, que ligou para o jovem de madrugada para ameaçá-lo e exigir que retirasse da rede social um vídeo que denunciava irregularidades na gestão da saúde.

literatura ou das próprias redes virtuais, é possível experimentar formas de comunicação menos alienantes.

Em mais uma narrativa de sua autoria, Fernando em “Sem tanta ilusão”, canta suas tentativas de desligar-se dessa dominação:

Que a única opção
É ser escravo da alienação
Mas desligo dessa alienação
E coloco um CD de rap
Pra pensar e penso logo
Que esse país nunca vai mudar

388

A canção pode estar dirigida a criticar a mídia, pois diz que mesmo submisso, se “desliga” quando ouve música. Contudo, mesmo alegando que se refugia no *rap*, ele reconhece que não vê saída. “E coloco um CD de rap, pra pensar e penso logo, que esse país nunca vai mudar”. Parece que a intenção do compositor é por algum tempo libertar-se da opressão, o que se mostra impossível, pois as questões que o incomodam sempre voltam a mente. Nem sempre é possível fugir do sofrimento pela distração, e Fernando revela impotência no eixo de seu divertimento. Consumir aparece como uma ilusão necessária para o cantor.

Para Adorno (1995, p. 131), a indústria cultural induz no cliente a sensação de que os objetos têm um fim em si mesmo, como o dom de emitir prazer diante a dor. No entanto, são promessas fluidas como nos mostra o próprio título da canção, porque não há força própria na técnica, ela “é a extensão do braço do homem”. Pretender fugir da alienação é sinal de que Fernando até desconfia dessas regras, mas pelas circunstâncias, logo percebe não ter escapatória.

A partir das canções examinadas, como podemos considerar o papel da mídia no comportamento dos jovens do festival?

Como diagnosticaram Adorno e Horkheimer (1997, p.40), o progresso técnico comandou a barbárie vestida pela ciência e racionalidade, dominando a humanidade com artifícios que impedem a percepção das desigualdades impostas. Indicando sobre esse poder sistêmico sobre os homens, eles apontam que:



O preço da dominação não é meramente alienação dos homens com os objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa como alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens.

Desta forma, o desejo humano é controlado pelo mercado, que se apropria não apenas de seu espírito criativo, mas inclusive de seu gosto, ditando suas necessidades de consumo. Para os autores, ao criar condições para o mercado, a técnica coisifica o comportamento, transformando o sujeito em consumidor através da repetição e eternos ciclos de insuficiências e vazios que coagem ao mercado.

Não é, portanto, uma satisfação de desejos genuínos, mas aqueles construídos pelo capital, que habita inclusive, o inconsciente. O cotidiano é tomado de tal modo, a ponto de não haver separação entre produção, consumo e descanso.

Acentuando as ideias de Adorno e Horkheimer (1997), há o entendimento em Santos (2000, p. 20-25) de que o processo de globalização confere um novo “encantamento do mundo no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim”. O autor justifica essa afirmação apontando que:

Esse imperativo e essa onipresença da informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer. Este é o trabalho da publicidade. Se a informação tem, hoje, essas duas caras, a cara do convencer se torna muito mais presente, na medida em que a publicidade se transformou em algo que antecipa a produção. Brigando pela sobrevivência e hegemonia, em função da competitividade, as empresas não podem existir sem publicidade, que se tornou o nervo do comércio.

Em suas palavras, a penetração da publicidade nas atividades humanas é exercida com tanta profundidade, que não existe ética naquilo que é propagado. É um processo que potencializa a técnica de forma tão incomum que “escapa sob muitos aspectos, ao domínio da política e se torna subordinado ao mercado”.



O conhecimento científico, objeto da modernidade esclarecida, fracassou quando baseado na técnica estabeleceu uma aliança para controle político e econômico da sociedade. Através dos veículos de comunicação, a ordem neoliberal produziu setores sociais adaptados às lógicas do mercado e incapazes de separar autonomia e opressão. Tomados pela racionalidade da informação, os sujeitos se entregam ao desequilíbrio nas relações e no jogo duplo entre cultura e barbárie.

A cultura adquire uma finalidade mercadológica. Parece difícil entender até mesmo os limites entre Estado e capital, se considerarmos a forma como o neoliberalismo é difundido pela mídia como base da democracia, atribuindo o direito de viver à liberdade de consumir. O próprio exercício da política está sujeito a esses códigos, questão percebida por algumas narrativas do Festival.

Neste sentido, pode-se dizer que alguns jovens percebem a opressão midiática e reclamam sua influência tirânica na sociedade. Ainda que se reconheçam imobilizados diante da força ideológica que a sustenta, uma vez que, o perigo da cultura tomada pelo mercado não diz respeito apenas ao consumismo. Adorno e Horkheimer (1997) alertam sobre a barbárie vestida de boas intenções e que corrompe a consciência crítica dos homens sobre si e sobre o mundo. Fabiano e Silva (2012, p. 1082) apontam urgência de considerarmos essa questão:

O acirramento de violências e atitudes irracionais, travestidas de princípios democráticos e liberdade individual, requerem uma reflexão sobre a atuação dos mecanismos de formação ideologicamente comprometidos que legitimam processos de dominação social.

Comportamentos que poderiam ter sido subtraídos, perpetuam-se no senso comum graças a informação manipulada. A ideologia apresentada como coisa e a interpretação dos fatos como a mídia dá, omite as contradições e torna legítimo e natural discursos únicos e opressores. Pois a vida deve ser o espetáculo vendido pela indústria cultural, para o bem da ordem e dos poderes constituídos.



Diversidade e hierarquias

A unidade anterior mostrou o quanto os jovens são afetados pela desvalorização social construída pelas bases normativas da modernidade. Assim, nesta parte, observaremos as canções por esse ângulo, levando em conta contornos sociais, culturais, regionais e outros aspectos que autorizam a ordem.

Ana Paula aponta em “A chance de mudar o mundo” a primeira questão:

Pesquisa aí
São milhares
Espancadas, sofrendo caladas
Quantas mulheres estupradas
Um horror!
Parece até um filme de terror
Queremos que nos vejam
Com a mesma igualdade
E capacidade
Na sociedade
Temos direito à liberdade
Não somos objeto sexual
Não temos só corpo
Temos sentimentos
E não é pouco.

A canção reclama sobre maus tratos contra a mulher, circunstância que para a compositora aparece como incômodo. “Parece até um filme de terror”. Cobrando mudanças nas relações de gênero, ela pondera sobre a capacidade/aptidão da mulher assim como sua emancipação social. “Queremos que nos vejam com a mesma igualdade / Temos direito à liberdade”. Ana Paula indica mais um protesto recorrente das mulheres; a veiculação da imagem feminina apenas como objeto sexual que ignora sua sensibilidade de corpo e sentimentos. “Não somos objeto sexual/Não temos só corpo”.

Esta narrativa questiona a subjugação da mulher enquanto propriedade e o trato de inferioridade/jogos de poder nas relações de gênero. Mesmo com os avanços das políticas públicas dirigidas a questão, o cotidiano feminino ainda se vê impregnado por essas práticas.

Em “Sonho abortado” de composição desconhecida, há outra narrativa que amplia essa discussão:



Tudo que um filho quer em uma mãe
 É carinho e proteção
 Não deixe que nenhum pensamento ruim
 Se torne uma atitude
 Pois saiba que a vida começa
 A partir do primeiro batimento cardíaco
 Não tire o dom que Deus deu as mulheres
 Dom de uma vida gerar outra.

O tema e os argumentos sobre reprodução e gestação postos como dádivas, apontam uma crítica ao aborto e afirmação do papel tradicional da mulher. Para o compositor, todo filho espera receber carinho e proteção da mãe, censurando qualquer valor que conteste a ordem, “pensamento ruim”. Parece que, baseado em um ponto de vista moral e/ou religioso, a narrativa traz uma advertência sobre qualquer atitude que ameace a gravidez. Discursos como esse são naturalizados pela sociedade para indicar o comportamento ideal às mulheres; fidelidade aos códigos morais e obrigação com as funções reprodutivas, independente das razões ou a conjuntura que as tenham vitimado.

Ainda sobre o debate sobre gênero, a canção “A minha história” de Luís Henrique, apresenta outra questão:

No Otávio Mangabeira vai rolar um pagodão
 As novinha do colégio vai descer até o chão
 (...)
 Dinheiro não é problema dinheiro é solução
 Dá um trocado pra novinha e ela empina o poposão

O jovem parece entusiasmado com a festa da escola, onde ele diz que garotas “novinhas”, irão dançar. “As novinha do colégio vai descer até o chão”. Apontando o dinheiro como solução e capaz de comprar a exibição das jovens, Luís Henrique parece confiante na conquista ou algo assim. “Dá um trocado pra novinha e ela empina o poposão”. Ao expor que se pagar vai conseguir, o compositor reproduz outro discurso recorrente nos códigos machistas.

Na canção “O jovem nordestino”, Roberto define mais um estereótipo alimentado pelas representações sociais:

Nesse verso nordestino em forma de canção
 Vou contar uma situação que é difícil de falar
 Desde pequeno só escuto, que nordestino é matuto
 Quando tiver mais adulto, tem que ir embora trabalhar



Em seus versos, Roberto revela que desde criança ouve que, o nordestino adulto precisa deixar a terra para buscar trabalho. São duas questões que parecem difíceis para o jovem; sair da terra a trabalho e ouvir que é “matuto” por ser do Nordeste. A expressão usada especialmente na cidade grande aos sujeitos do interior, aquele que vem do “mato”, mostra um pré-julgamento sobre suas capacidades ou limitações de lidar com realidades estranhas ao seu cotidiano.

Mas a canção pode também nos levar a reflexões mais amplas. Ela destaca um, dentre outros preconceitos ao nordestino, e geralmente ditos com muita naturalidade, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Um problema arraigado no país, e que vai além de limites geográficos. Há um incômodo com as condições étnicas raciais, sociais e culturais das populações de regiões periféricas que habitam aquelas mais “civilizadas”. A relação de superioridade e intolerância sobre esses grupos também aparece de forma tênue, e às vezes, até sem perceber, mas também por trás de intenções disfarçadas. Nutrir a transformação da diferença em superioridade através de rótulos rurais ou periféricos, a exemplo o “matuto”, carrega e legitima veladamente a ideia de superioridade do homem “civilizado”.

A narrativa “Sou do rap” de Leandro, mostra outra queixa:

Falo da greve
 Relato a invasão
 A negrada na febre
 Do vírus exclusão
 Onde é que tá o governo
 Cadê a UNESCO
 Não sou ideia
 A humanidade de hipócrita
 Que quer minha miséria
 E me apunhala pelas costas

Nesta canção, o jovem denuncia a condição de exclusão do negro e parece exaltar a greve e a invasão, duas reações necessárias ao povo na luta por direitos. Leandro parece sentir-se traído pela ineficácia das ações políticas diante as restrições/desigualdades decretadas a ele pela sociedade. “A humanidade de hipócrita que quer minha miséria, me apunhala pelas costas). Ao fazer alusão da exclusão como uma doença social, o compositor denuncia



problemas na convivência cidadina comuns a muitos jovens. “Virus da exclusão”. Não ter outra saída a não ser lutar pela cidadania através da “invasão” ou da “greve” enquanto negro pobre e trabalhador sem terra.

O jovem nos mostra seus conflitos provocados pela hierarquia de raça, classe e função social, e exhibe os estigmas que o jovem pobre carrega pela hostilidade das construções ideológicas que somente reforçam a exclusão. As lógicas de poder instituídas em nossa sociedade limitam a inserção da juventude pobre no contexto produtivo, seja no educativo ou no trabalho. E quando isso é permitido, as possibilidades de expansão são mínimas.

Finalizamos com a canção “Pluralidade singular” de Joice, que elabora um discurso a favor da igualdade apesar das diferenças:

Mas nós formamos uma só voz
E bem dentro da gente bate forte um coração,
Que canta e grita: Liberdade, liberdade, liberdade
Preto, branco, amarelo, cafuzo e mulato,
Índio, mameluco, europeu ou asiático,
Somos todos herdeiros dessa miscigenação.

A canção expressa sobre relações sociais que se equilibram em decorrência de ideias e sentimentos comuns. “Mas nós formamos uma só voz, bem dentro da gente bate forte um coração”. Para a compositora as diferenças raciais são resultado da miscigenação, e por consequência, uma herança genuína. “Somos todos herdeiros dessa miscigenação”. Exhibindo a convivência entre raças de forma tão descomplicada e incontestável, a narrativa não revela os mecanismos quase sempre naturalizados e produtores de injustiças, como vimos nas narrativas anteriores, e acaba reforçando a errônea, mas propalada “democracia racial”.

Utilizamos a lente nessas canções para apontar alguns dos problemas da juventude, no que tange as diferenças e as relações de opressão, revelando questões sensíveis para a crítica da não cidadania. Deste modo, tendo em vista o que os jovens disseram, como podemos pensar as questões da diversidade no plano das hierarquias?

Apesar dos princípios universais que regulam a igualdade de direitos sem distinções de qualquer espécie e do Estatuto da Juventude (2013), que



nesse aspecto propõe um cuidado especial à juventude, o repertório em questão revela que essa concessão ainda está distante da realidade.

O Projeto Estação Juventude indica dois problemas que comprometem as relações de direito e igualdade:

a dimensão sócio-política, que remete à não acessibilidade à representação pública, à intolerância social, à ausência de equidade e à presença de preconceitos que resultam em discriminações e segregação sócio espacial.

a dimensão subjetiva e cultural, que remete a trajetórias pessoais nas quais se vivenciam sentimentos de “apartação”, de não pertencimento, de não ser “semelhante”, de abandono, de expulsão (BRASIL, 2014, p. 37)

Além das questões econômicas que acometem desigualdade de renda e de acessos, percebe-se que o fenômeno da exclusão também está ligado a problemas sociopolíticos, subjetivos e culturais. Prado e Perucchi (2011, p. 348-349) dizem que esse contexto é historicamente construído e se sustenta:

[...] através de duas lógicas: a da classificação social, particularmente fomentada e realizada pelo Estado e pelas ciências, e a lógica da inferiorização social, que possui mecanismos ideológicos e cognitivos para sua materialização.

Para os autores as segregações produtoras das exclusões sociais acontecem de muitas maneiras, “desde o aniquilamento humano e a violência social até formas de inclusão subalternizadas”. São processos sustentados por dogmas e intolerância que afetam particularmente a classe popular, e atuam sob a ótica da classificação e inferiorização. Apesar da ligação dessas últimas, a operação de cada uma incide em métodos diferenciados, mas que se completam.

Sobre a classificação recai a subordinação disfarçada em funcionalidade de uma ordem socialmente construída para manter os jogos de poder. Mas por mostrar-se numa “relação entre funções sociais e legítimas, é potencialmente uma relação de opressão ainda não politizada”. Os sujeitos são recíprocos às hierarquias e não se reconhecem em condição subalterna, quase sempre ocultando os antagonismos das relações de poder.

Em oposição à subordinação firmada no esteio das organizações funcionais, os sujeitos politizados percebem na “inferiorização social uma



injustiça historicamente construída, tomando a ordem social como objeto de questionamento, reflexão e interpelação”.

Há, portanto, uma comparação necessária entre permanência e ruptura de processos históricos, reconhecendo no último caso, oportunidade para:

[...] o exercício da desconstrução de significados cristalizados e rígidos e das classificações e inferiorizações, o enfrentamento político na arena pública e a configuração de uma identidade coletiva como categoria analítica do processo de constituição de um nós, um sujeito coletivo, são de extrema importância. No seio das relações de opressão está o anúncio dos limites da objetividade e da inteligibilidade do social (PRADO e PERUCCHI, 2011, p. 349)

Neste sentido, o caráter de dominação das hierarquias só é percebido quando os agentes em jogo se identificam oprimidos e buscam romper com quaisquer disfarces da funcionalidade e naturalidade dessas construções. A naturalização e o preconceito estão impregnados nos jogos de poder como projeto, visto que:

Eles são utilizados para conservação e extensão dos processos de dominação social, o que significa tomar então o preconceito como um regulador das interações entre os atores e grupos sociais, mas com uma finalidade própria: não permitir que relações subordinadas se transformem em política, ou seja, em relações de opressão (PRADO; PERUCCHI, 2011, p. 350).

As astúcias da hierarquização fazem parte da percepção-cognitiva do poder e carregam intenções históricas de impedir ou imobilizar litígios políticos dos excluídos. E aqui podemos pensar a atuação dessa lógica não apenas nas relações de gênero e de raça, nas diferenças culturais ou regionais, mas incluir nesse rol a hierarquia geracional.

De acordo Castro (2011, p.300), a juventude é vista a partir da experiência adulta numa escala inferior:

Os jovens tem sido objeto do discurso do outro- seja o da autoridade conferida à geração mais velha, seja o dos saberes disciplinares – e que, portanto, silenciados e enredados nas estruturas de dominação as quais eles mesmos desconhecem, continuam a se subjetivar como tutelados, invisíveis.



De acordo Dayrell (2009) é muito variada à forma como cada sociedade lida para representar as transformações de cada sujeito em determinada faixa etária, reconhecimento visto de formas diversificadas e conforme condições sociais ou culturais. Abramo (1994, p. 60) diz que a autonomia juvenil irá depender da dimensão de seus encargos, quanto mais responsabilidades assumidas socialmente, maior liberdade nas relações familiares e em outros espaços. A autora relaciona essa independência ao universo do trabalho:

Para esses jovens e adolescentes, o trabalho tem, além do caráter de necessidade, o de via de acesso a uma autonomia desejada em relação à família, tanto no sentido de maior independência e liberdade de ação (onde se incluem também as decisões sobre as alternativas entre trabalho e educação), pois o trabalho confere maturidade e respeito no interior da família, como no sentido de possibilidade de consumo [...].

Podemos compreender, portanto, que a emancipação dos jovens dos setores populares está ligada à sua capacidade de trabalhar para escapar da vida massacrante, seja para articular expectativas de futuro ou pelo poder de consumo. Entretanto, isso não é uma experiência que agrega todos com a mesma intensidade de forças, pois nem todos os jovens oprimidos encontram oportunidades de romper com as carências que envolvem seu cotidiano.

A negação dos direitos básicos à juventude pobre, negra e da classe trabalhadora, evidencia sua visibilidade no espaço público, mas na ótica de problema social. Os conteúdos das canções desmentem qualquer visão romantizada da juventude, e podemos dizer que ainda são mínimos os limites entre diversidade e desigualdade. Quanto maior a vulnerabilidade das vítimas, maiores serão os estigmas, estereótipos e preconceitos a mantê-las situadas em escalas sempre inferiores e sob os domínios das hierarquias.

Restrições e violências

Algumas situações cantadas no festival podem revelar como as relações autoritárias dificultam o convívio razoável no lugar social. Por isso, nesse subtema, indagaremos a dimensão das engendradas pelos padrões culturais da sociedade. A narrativa “Violência contra a mulher”, na qual Jádna pede respeito por sua condição, é um exemplo:



Homem que bate em mulher
 Não presta
 Mulher escondendo que apanha?
 Ninguém aguenta
 Já existe uma lei
 Que defende a mulher
 Amigo, pois é
 Mas só que dessa lei
 Eu não posso me gabar
 Porque pra ela existir
 Uma mulher teve que apanhar

Jádna critica tanto o homem que usa a força contra a mulher como a própria mulher que permite ser agredida. Ela menciona a lei que coíbe esse delito, mas lamenta que a sociedade tenha alterado o código penal somente após uma mulher ter sido vítima. “Porque pra ela existir uma mulher teve que apanhar. É provável que a Lei apontada pela jovem refira-se a 11.340/06. Conforme seu histórico, o Brasil apenas se posicionou contra a violência doméstica depois que Organizações Não Governamentais e a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (OEA) interviram no caso da mulher que deu seu nome à Lei Maria da Penha (OBSERVE, 2011).

Infelizmente, a negligência e omissão da sociedade apontada na canção, conforme Perrot (1992, p. 167; p. 213) é desfecho do comportamento da ordem quando “a distinção entre o público e o privado implica uma segregação sexual”. Não somente no que toca ao segmento biológico, mas ao discurso naturalista, que insistindo na “existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares”, também legitima as hierarquias entre os opostos.

Em “Realidade nua e crua”, Beatriz e Fernanda se mostram desencantadas com problemas de violência em contexto diferente, mas também produto do descaso da ordem:

Vidas, quase todas perdidas
 No meio desse mundo de armas, drogas e intrigas
 Isso me deixa alucinado
 Vendo um menor fortemente armado
 Vendo uma criança perdendo sua infância
 Isso é muita abstinência
 Isso faz parte da sobrevivência



O discurso descreve crianças em circunstâncias vulneráveis, que envolvidas no universo do crime têm a infância corrompida. “No meio desse mundo de armas, drogas e intrigas/ Vendo uma criança perdendo sua infância”. As jovens parecem dizer que estar sob essa condição é como renunciar o sentido da própria vida, ou lutar apenas para se manter vivo. “Isso é muita abstinência/ Isso faz parte da sobrevivência”. E seguem explicando:

E você sabe porque isso acontece
 Uma mãe que maltrata filho
 O filho nunca esquece
 Ai fica pesado, filho alucinado
 Revoltado, desesperado
 E pelo crime enganado
 E muitas crianças sendo usadas
 Maltratadas, abusadas e espancadas
 E quando isso acontece ela fica revoltada

Segundo as compositoras esse desfecho é resultado da violência doméstica, onde as crianças não têm outra saída a não ser o engodo da delinquência. Como as mesmas explicam, o ambiente em que estão expostas é o fundamento da própria condenação infantil. “Maltratadas, abusadas e espancadas/E quando isso acontece ela fica revoltada”. Aqui vemos descritas formas de violência no recinto doméstico e social. As tramas que envolvem a violência na cidade mudam de contexto, contudo, não deixam de ser consequência dos conflitos entre as estruturas de classe e do lugar social.

A violência contra a infância não está apenas nos noticiários e é muito real e próxima, como nos mostra Misael em “Pátria amada”:

Teixeira de Freitas está na lista dos mais procurados
 Por roubo, crime, assassinato
 Aqui eu vejo meninos bandidos querem ser
 De 12 e de fuzil eles “enquadra” até você
 Que não tem nada a ver com isso
 Por causa de alguns, nós que corremos risco.
 Querida pátria amada que não é gentil
 “muleque” com fome, pastor de fuzil
 [...]
 Ordem e progresso é o que todo mundo queria
 E não ver mais “muleque” morto na periferia
 Extremo Sul baiano cotidiano difícil
 “muleque” roubando para alimentar o vício
 Aqui muitas vezes eu fico a pensar



Essa canção narra sobre as condições de violência na cidade de Teixeira de Freitas, que também não tem poupado a infância. “Aqui eu vejo meninos bandidos querem ser/De 12 e de fuzil eles “enquadra” até você”. O discurso transmite a sensação de ameaça por um contexto, cuja responsabilidade o autor atribui a indiferença do poder público. “Querida pátria amada que não é gentil/ Ordem e progresso é o que todo mundo queria”. Percebe-se que para o jovem, assim como nas canções anteriores, é difícil lidar com um cotidiano em que as pessoas, especialmente crianças, tenham de sobreviver sob o domínio da violência. Conjectura que, como o próprio compositor mostrou, atinge toda sociedade. “Extremo Sul baiano cotidiano difícil, “muleque” roubando para alimentar o vício”.

“Protesto Mundial” de Gilson também mostra que a violência é uma questão trágica do dia-a-dia dos cidadãos:

Hoje se passou mais um dia
Tantos problemas sem resolver
Violência, drogas e morte,
Não dá vontade de viver

A narrativa revela contrariedade do compositor frente aos problemas que envolvem seu cotidiano. Há um sentimento de perda de sentido da vida nos versos de Gilson, talvez por precisar lidar com questões que fogem de seu controle. Mais uma vez, percebe-se desapontamento na juventude com a instabilidade de circular na cidade. A vida precisa seguir, “hoje se passou mais um dia”, e a omissão do poder público também prossegue protagonista nos espetáculos de exclusão e violência urbana.

Leandro, em sua narrativa “Sou do rap”, também descreve uma recorrente luta contra a violência.

Senti a covardia
Fina e escura
Quem não aprende em casa
É ensinado na rua
Tem que ficar ligado
Se não é game over
A vida é uma só
Não tem clone ou cover
[...]
O nego que quer ser treta



Tem sede de sangue
Vive em torno do tráfico
Sequestro e gangue
Carro no desmanche
Sai novo e equipado

Essa narrativa evidencia testemunho de um ato de covardia contra alguém que, para o compositor, sofreu uma lição na rua por desconsiderar os ensinamentos de casa. Leandro percebeu que nessa circunstância, sobreviver não é tarefa fácil, precisa estar atento e se cuidar, senão é o fim. “Tem que ficar ligado/ Se não é gamer over”. Isto porque, como ele aponta, viver em torno do tráfico precisa ter astúcia e disposição para todo o comportamento que o crime exige. “O nego que quer ser treta , tem sede de sangue/ sequestro e gangue”. E continua:

[...]
E a vida dos loucos
Que nascem nas favelas
E morrem nas vielas
Com os tiros de matraca
E o vício de pó e pedra
Sou Black Power nato
Sou rastafári vivo
Funkeiro indignado
Com as drogas e homicídios
[...]
Eu vou nessa
No meio dos sangues bom
E dos traíras cobras cegas
Diabo dá com uma mão
E rouba com as duas

O jovem diz ser um funkeiro aborrecido com o cotidiano dos jovens das favelas, mortos por execução ou mantidos sob o vício das drogas. “E a vida dos loucos que nascem nas favelas, e morrem nas vielas com os tiros de matraca e o vício de pó e pedra”. Mas apesar do que testemunha, ele parece resistir, pois diz se relacionar com “sangue bom”, talvez grupos não envolvidos no crime. Mesmo convivendo com a traição dos “cobras cegas”, ele parece dizer que se defende das tentações, pois quando a oferta é muito boa a cobrança vem em dobro. “Diabo dá com uma mão, E rouba com as duas”. O compositor revela o cotidiano na lógica das disputas por territórios, contexto

que ele precisa se adaptar, “vidas do loucos, tiros de matraca, traíras cobras cegas”, mesmo resistindo ou negando ser o que os outros querem que ele seja.

Para Adorno³ (2002), os jovens que são vítimas de situações como a de Leandro, revelam uma situação muito mais grave do que a dos infratores.

De novo trazemos a canção “Viva a liberdade” de Alexandro, para relatar outra forma de hostilidade, que é tão ou mais perversa que a mostrada nas canções anteriores:

Violência se repete!
Cai um trabalhador!
Mundo desonesto, a vida sem valor.
Somos censurados, alguns acorrentados,
Medo e crueldade caminhando lado a lado.
Tantas coisas ruins! No dá pra suportar!
Você pensa em desistir, pensa em parar...
Entra em depressão... Deseja se matar!

Ao citar a morte do trabalhador ou a opressão das pessoas sob o domínio do medo e da crueldade, o compositor parece queixar-se de uma dinâmica social que banaliza a vida. “Mundo desonesto, a vida sem valor”. Diante sua realidade, há um descontentamento que o sensibiliza a ponto de se frustrar com a própria vida. “Você pensa em desistir, pensa em parar... Entra em depressão... Deseja se matar!”. Dizer que se sente censurado e acorrentado, sugere Freud (1989), sobre a renúncia da expressão da natureza humana, que reprimida e não eliminada, hora ou outra aparece como um lembrete do quanto custa viver na civilização.

Infelizmente a ordem moral e os mecanismos psíquicos, não impedem a naturalização da violência na sociedade, como aponta a canção “Mundo Melhor” de Thiago:

Onde há preconceito,
tanta Violência, tanto desacerto
Sem nenhuma providencia
Onde o amor se esfriou, o ódio
Aumentou e a união acabou
Até quando viver assim?
Em um mundo tão cruel,
onde Reina a injustiça,

³ Texto publicado após o ciclo de debates Juventude e Contemporaneidade, realizado em São Paulo entre maio e junho de 1998.



o inocente se torna
Torna um réu

O jovem parece dizer que a sociedade está em crise provocada pela violência e falta de solidariedade. “Onde o amor se esfriou, o ódio aumentou e a união acabou”. Há um aborrecimento por conta do desinteresse político no trato com a sociedade, pois em vista dos desacertos sociais, todos são sacrificados. “Sem nenhuma providência/ Onde Reina a injustiça, o inocente se torna torna um réu”. Thiago provoca um sentimento de que toda a sociedade está em perigo, desde as delinquências urbanas até as vozes conservadoras que disseminam ódio e preconceito. Estas últimas, ao incitar ataques e linchamentos públicos por exemplo, podem ser incluídas nas múltiplas formas de violência, desrespeito e violação dos direitos humanos.

Ao cantar “Guerra interior, paz interior”, Tiago faz eco a ideia anterior e considera que as hostilidades do cotidiano são efeito dos desajustes sociais:

Da janela olhando pra ela
Rua fria, crua
Ela não é bela
Eu vejo o mal, pura desordem

Veja você mesmo e tente ser forte
Campo minado, muita destruição
Criada pela sociedade, te falo então:
Como pedir paz se você só faz a guerra

Ao observar o meio que o circunda, o jovem percebe que a desordem é produto da insensibilidade e da maldade que circula pela rua. “Rua fria, crua /Ela não é bela/ Eu vejo o mal, pura desordem”. Para Tiago, é preciso encontrar força para viver sob constante perigo, circunstância contraditória tecida pela própria sociedade, que ao passo que pede paz, promove a guerra . “Campo minado, muita destruição, criada pela sociedade”.

De acordo, Adorno (2002), esta é uma preocupação recorrente entre as pessoas, o fato da exposição a qualquer momento a ataques e ameaças, e o sentimento de que as instituições encarregadas de zelar pela segurança e proteção não tem cumprido seu papel.

Aqui podemos reparar a dualidade de dois polos na “guerra” apontada na canção e real em nossa sociedade. “A visão mais estrutural da violência tem

sua gênese na explicação, seja dos conflitos/desordem, seja dos mecanismos de funcionamento do social/ordem” (DIOGENES, 1998, p. 114). A bestialidade material e visível, que ocasiona o crime e todos os efeitos que dele decorre, deixa na penumbra a violência suscitada nos campos do poder. Essa última, não tão explícita e mais astuta, é disseminadora quase imperceptível da barbárie.

Cada narrativa apresentada, revela circunstâncias de violência testemunhadas e interpretadas de modo particular. Podemos dizer então, que interpretam e vivenciam as questões do meio social a partir do contexto de sua cultura, como indica Gertz (2008, p. 10):

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade.

A cultura se configura um mecanismo denso de significados compartilhados no coletivo e que vão além dos elementos que podem ser inventariados. No cotidiano das canções apresentadas, os jovens nomeiam, significam e ressignificam a violência a partir de mecanismos de dominação e/ou como estratégia/pulsão de sobrevivência. Para Bedin (1998, p. 165), essa questão pode ser explicada pela relação interativa entre ser sujeito e objeto de um processo civilizatório posto a prova continuamente. De acordo o autor:

Ao consumir a cultura de seu habitat, o indivíduo se vê impelido a conviver com outros personagens sociais, a compartilhar rituais, a operacionalizar a comunicação com os demais pela linguagem, a exprimir sua subjetividade, bem como confrontá-la com outras. E na mediação entre estas, vivência a vertigem de, ao respeitar as normas, em suas práticas, responder ao projeto moderno de normalidade, de ordem.

Segundo Olivien (2010), para analisar esse problema é preciso levar em conta que na construção da sociedade brasileira, a base do recurso da violência, sempre foi negada no plano ideológico. Holanda (1995, p. 164) diz que no projeto civilizatório da modernidade, o “homem cordial” seria a contribuição do Brasil para o mundo:



A tese de uma humanidade má por natureza e de um combate de todos contra todos há de parecer-nos, ao contrário, extremamente antipática e incomoda. E é aqui que o nosso “homem cordial” encontraria uma possibilidade de articulação entre seus sentimentos e as construções dogmáticas da democracia liberal.

Porém as bases autoritárias de uma sociedade diversa, desigual e de estruturas privadas e públicas hierarquizadas desde a Colônia, revelam a contradição da índole “pacífica” identificada como um caráter nacional. Mito que segundo Olivien (2010, p. 9), parece ter se dissolvido por conta da repressão política a partir de 1964, quando a classe média foi atingida diretamente pelos órgãos de segurança nacional.

Por isto, optar pelo termo violência na cidade implica em preservar a ideia de que a violência tem raízes sociais, manifestando-se em contextos diferentes que não podem, entretanto, ser considerados como seus causadores.

O projeto econômico voltado para os interesses estrangeiros, através da política de exceção e opressão dos operários, possíveis pela desarticulação dos sindicatos e pela ideologia do binômio “segurança e desenvolvimento”, ou seja, repressão e acumulação do capital. Problema que atingiu a cidade e o campo. Contudo, o uso da força sob as classes dominadas, na qual trabalhadores “rebeldes” sempre foram considerados perigo em potencial, permanece bem atual na sociedade que se constituiu a favor da hegemonia dominante.

Os excluídos, desempregados e subempregados, configuram quase a totalidade do setor informal da economia urbana, na qual estão incorporados os recém chegados, mas também outros à margem do mercado de trabalho. Deste modo, a violência pode ser percebida como um instrumento de perpetuação de poder, assim como lógica de sobrevivência da população dominada. Ela passa representar para as camadas dominadas uma estratégia de satisfazer a questão econômica, mas inclusive objeto de resgatar “parte do excedente daqueles por quem foram expropriadas”.

Compreendemos, portanto, que o conceito marginal seja uma referência aos sujeitos não incluídos ao sistema produtivo e à criminalidade dos setores populares, revelando classificação entre “classes trabalhadoras” e “classes



perigosas”. Realidade que é manipulada pelo poder econômico, através dos mecanismos ideológicos, para perpetuação do *status quo*.

Ainda tendo em vista a abordagem de Olivien (2010, p. 12), conceber o problema da violência é bem mais que apontar fatos disseminadores de instabilidade e insegurança na cidade, mas reconhecê-la como plano político:

De fato a violência é alçada ao *status* de “questão nacional” entre nós, quando o modelo econômico entra em crise e torna-se difícil continuar lançando mão do discurso da segurança nacional porque não existe mais a ameaça da guerrilha. Com o recrudescimento da inflação, do desemprego e da crise política é preciso criar um novo bode expiatório.

Este é o personagem usado para tranquilizar a classe média e afastar o trauma de sua ruína e todos os dramas que isso traz; proletarização e perda do poder econômico adquirido durante os anos do milagre econômico. Assim, a violência citadina é tomada pelas manchetes com intuito de promover o medo e justificar a repressão policial, não pela proteção ou segurança pública, mas enquanto instrumento de coerção e preservação das estruturas dominantes. Neste sentido, a espetacularização da violência na cidade, elevada a transtorno social pelo mesmo movimento ideológico, permite que a corrupção política e/ou outros mecanismos de exclusão a serviço da ordem neoliberal sejam minimizados ou ocupem plano secundário.

Essas elaborações hierarquizam a imagem da sociedade em dois polos, que aparecem com denominações opostas e intencionais: “os “homens de bem” (possuidores de bens) e outra dos “homens de mal” (não possuidores de bens)”. Como se no mesmo território existissem duas sociedades, este projeto disfarça e tem o dom de preservar duas coexistências necessárias, pois uma sustenta a continuidade da outra.

Por isso, na delinquência atribuída à camada subalterna se concebe o estereótipo da violência enquanto fenômeno urbano. (OLIVIEN, 2010).

Um acordo que também relaciona o aumento da violência urbana ao processo de abertura política, e explica a demonização dos movimentos libertários. Pelo visto, o nível da violência testemunhada ou sofrida no âmbito da cidade, tem suas raízes na forma como desenvolve e se consolida o capitalismo, e nas tramas arbitrárias para manutenção das desigualdades. Os



que os jovens trazem, passa pelo campo da democracia, ou melhor, à medida que a sociedade possa arbitrar acerca dos assuntos dos interesses coletivos e superar a má representatividade política em que estamos assolados.

Adorno (2002) ressalta a insuficiência do denominado controle civilizatório descrito por Freud (1989), para contenção dos impulsos humanos nas tensões da sociedade. As tradicionais diferenças de classes; operários e patrões; trabalhadores e não trabalhadores; empregados e desempregados; os que tem acesso ao consumo e os que não tem; os conflitos de gênero, etnia, geracional e sexual, são os maiores instigadores da violência.

E a questão, não incide nas diferenças de classe, mas quando essa heterogeneidade representa relação autoritária entre o que situam os níveis superiores sobre aqueles em condição de inferioridade. Portanto, não se trata apenas da aplicação de leis que assegurem a integridade física dos cidadãos, mas de oferecer possibilidades para que a legislação seja compreendida para todos os segmentos, incluindo a juventude, como vias de garantir direitos humanos e convivência digna.

Conclusão

Na prática, as canções ora expostas, evidenciaram desigualdades, discriminações e outras adversidades sociais que o domínio das instâncias públicas não dá conta. Se considerarmos as perspectivas de juventude narradas, precisamos pontuar que são raros espaços de cidadania para a juventude pobre e de periferia.

Há uma complexidade manifesta sobre uma sociedade de consumo que os entregam às circunstâncias desiguais e sem horizontes concretos de existência digna. Os diferentes modos de pensar o cotidiano, nos mostra escassez de direitos e muitos deveres e ordens.

Do universo social que ocupam, os autores dizem que seus caminhos e fórmulas de ser jovem são elaborados a partir dos limites que a sociedade dispõe para cada um deles. E por isso, há de se repensar sobre os usos ou não usos dos hábitos urbanos da lógica moderna. O que precisamos sublinhar enfim, é que quaisquer reflexões acerca desse universo, devem ser



consideradas os projetos construídos pela cultura, no arbítrio da mídia e do mercado. Construções de padrões de imagens e consumo que dificilmente contemplam os jovens trabalhadores e de periferia, e se chegam até eles, é quase sempre sobre a perspectiva de problema social.

Referências

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: ANPOCS/ Scritta, 1994.

ABRAMO, H. W. A tematização social da juventude. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6. São Paulo, ANPED, 1997.

ADORNO, S. **Ética e violência**: adolescentes, crime e violência. In: Juventude em Debate. ABRAMO etc. e tal (Org.)- 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

BEDIN, P. G. Olhar a cidade no Brasil, ver a modernidade à brasileira. In: **BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**. Vol. 10, 1998. Págs. 159-172.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em 22/03/2017.

BRASIL. S. N. J. **Estação juventude**: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude / organizado por Helena Abramo. – Brasília: SNJ, 2014. Disponível em www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/.../politicas%20de%20juventude1.pdf Acesso em 22/03/2017.

CASTRO L. R. **Os jovens podem falar?** Sobre as possibilidades políticas, 2011. Disponível em <http://www.nipiac.ufrj.br/producao2/item/513-os-jovens-podem-falar-sobre-as-possibilidades-politicas-de-ser-jovem-hoje>. Acesso em 20/08/2016

DAYRELL, J; CARROCHANO, M. C. **Juventude, socialização e transição para a vida adulta**. In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Org.). Juventude e contemporaneidade desafios e perspectivas. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos; Goiânia: Ed. UCG; Cãnone Editorial, 2009.



DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**; gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume, 1998.

FREUD, S. (1930) **O Mal-Estar na Civilização**. ESB Vol. XXI Rio de Janeiro, Imago, 1989.

GEERTZ, C. 1926 - **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. – 1ª.ed; Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HOLANDA, S. B. de, 1902-1982. **Raízes do Brasil**. 26. Ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MORILA, A. P. No compasso do progresso: a música na escola nas primeiras décadas republicanas. **Revista brasileira de história da educação**, nº 12 jul./dez. 2006, edição impressa.

OBSERVE. **Observatório Lei Maria da Penha**. Disponível em http://www.observe.ufba.br/lei_mariadapenha. Acesso 02/03/2018.

OLIVEN, RG. **Violência e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010, 94p. Disponível em <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 20/02/2018.

PRADO M; PERUCCHI J. Hierarquias, sujeitos políticos e juventudes: os chamados “movimentos” juvenis circunscrevem um sujeito político na contemporaneidade? In: CASTRO, L. R. et al. **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. 2011.

PERROT, M. **Mulheres**. In. Os excluídos da História - operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, pp 167-213.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

FABIANO L. SILVA, F. **Massificação cultural, práticas educativas e autonomia social**. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/4900/4858>. Acesso em 15/08/2017.

Sobre os Autores

Lucieleny Ribeiro Jardim

lucieleny@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7961-5267>

Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC-Rio, Mestra e egressa do Curso em Ensino na Educação Básica (Ensino, Sociedade e Cultura: Ciências Humanas e Sociais) no Centro Universitário Norte do Espírito Santo UFES. Pesquisadora do Prometheus Núcleo de Estudos



Ailton Pereira Morila

apmorila@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5080-3819>

Doutor e Mestre em educação pela Faculdade de Educação da USP. Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro Permanente do Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica. Pesquisador do Prometheus Núcleo de Estudos Críticos.

410

